

## LITERATURA E ENSINO DE HISTÓRIA: A HISTÓRIA DE LONDRINA NO ROMANCE “TERRA VERMELHA”

ANA BEATRIZ ACCORSI THOMSON\*

Situar-se no contexto do ensino de história requer sensibilidade e criticidade com a escolha dos documentos e relatos passíveis de estudo sobre o passado. A tendência atual dentro do campo de fronteira entre educação e história é a de apresentar uma variedade de concepções inovadoras. Esse campo vem estabelecendo conceitos importantes e transformadores para o ensino de história.

As transformações da sociedade contemporânea, bem como as novas perspectivas historiográficas, como as relações entre história e memória, têm estimulado o debate sobre a necessidade de novos conteúdos e novos métodos de ensino de História. (SCHMIDT; CAINELLI, 2004:24)

Dentro de novas perspectivas sobre a educação histórica, Barca toca em um ponto extremamente relevante ao afirmar que “em História, a aprendizagem é orientada para uma leitura contextualizada do passado a partir da evidência fornecida por variadíssimas fontes” (BARCA, 2006:95). É a partir dessa afirmação da autora, que se buscou, nesse trabalho, uma gama de possibilidades e de potencialidades possíveis de serem trabalhadas na interlocução entre literatura e história. Afinal, ainda segundo Barca, “num mundo de informação plural, será desejável que os alunos aprendam, de forma gradual, a comparar e a selecionar criteriosamente narrativas e fontes divergentes sobre um determinado passado” (Ibid:96).

É possível elencar inúmeras possibilidades a serem abordadas nesse campo da aprendizagem e para este trabalho, a perspectiva é a de analisar uma obra literária que tem como tema histórias e memórias da cidade onde mora o aluno. Acreditamos que essa inserção da literatura no ensino da história local, ou seja, a elaboração de pesquisas baseadas na cidade tendo como fonte histórica um romance enriquece o universo de conhecimento dos alunos, possibilita a aproximação com diferentes experiências sociais e proporciona alternativas para se tecer um maior entendimento sobre o próprio tempo em que se vive.

\*Universidade Estadual de Londrina. Orientadora Prof. Dra. Cláudia Prado Fortuna.

A cidade, nos diferentes aspectos da produção do conhecimento histórico específico e das formas de entendimento de suas tramas relacionais com outros espaços e tempos históricos, torna-se um objeto privilegiado de pesquisa histórica, na qual se destaca o papel das experiências sociais como definidoras dos espaços de sociabilidade. (TOLEDO, 2010:254)

Portanto, acreditamos que o estudo das memórias através da literatura possibilita uma relação conectiva do aluno com a sua história, de maneira mais prática, sensível e interativa. Essa correspondência entre educação e pesquisa memorialística regional permite que o aluno entenda melhor aspectos de seu cotidiano, dos locais de vivência e das pessoas que vivem ao seu redor.

Percebe-se hoje que, muitas vezes, o ensino de história local não dá conta de abordar todas as problemáticas envolvidas nesta abordagem, principalmente quando se trata das vivências e experiências cotidianas dos diferentes sujeitos históricos. Nesse sentido, o presente trabalho propõe trazer uma discussão a respeito das experiências de homens e mulheres comuns buscando por outras histórias e memórias da cidade tendo, como fonte, uma obra literária, e também entendendo a cidade da perspectiva da História Cultural, como um lugar de inúmeras representações sociais importantes de serem analisadas.

Ao longo da década de 1990, a emergência de uma história cultural veio proporcionar uma nova abordagem ao fenômeno urbano. O que cabe destacar no viés de análise introduzido pela história cultural é que a cidade não é mais considerada só como um lócus privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais. (PESAVENTO, 2007:13)

O que se pretende, portanto, é buscar de que maneira a literatura pode aproximar os alunos de uma gama de sensibilidades e subjetividades também imprescindíveis para a compreensão histórica. Concordamos com Pesavento que considera que o texto literário pode ser visto como “porta de entrada às sensibilidades de um outro tempo” e como fonte

privilegiada de acesso a “elementos do passado que outros documentos não proporcionam.” (PESAVENTO, 2008:113). Quando se trabalha com questões como literatura torna-se essencial o entendimento sobre o conceito de representação, elemento corrente dentro do pensamento histórico e que atua como categoria central da História Cultural. De forma abrangente, neste trabalho, pretende-se seguir a seguinte conceituação sobre representação:

São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. (Ibid:39)

Deve-se alertar, portanto, que o proposto não é uma mera instrumentalização da obra literária em sala de aula, o que reduz categoricamente a importância dessa fonte em meios escolares. O que se propõe é uma abordagem que permeie o universo da História Cultural, ou seja, que possibilite a construção de conjuntos simbólicos para contribuir com a formação histórica do aluno. A capacidade de relacionar estruturas e de identificar representações variadas são algumas das possibilidades a serem desenvolvidas. Como afirma Pesavento,

a Literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. (2008:82)

A literatura proporciona, assim, que novos olhares sejam estabelecidos a respeito dos sujeitos históricos. Ao se apresentar como uma fonte histórica alternativa àquelas mais usuais, a leitura crítica e reflexiva de uma obra literária nos permite formar novos entendimentos sobre eventos históricos que antes dificilmente incluíam o universo das sensibilidades. Para Correia, um dos objetivos do historiador, ao se debruçar sobre a literatura, é o de compreender o universo mental de homens e mulheres em diferentes tempos e espaços. No entanto, para o autor,

o estabelecimento deste diálogo[entre literatura e história] foi uma tarefa árdua que implicou em um amplo questionamento das concepções das correntes

historiográficas resultando com que nas últimas décadas a literatura fosse vista pelo historiador como material propenso a diversas leituras, pela sua riqueza de significados para o universo cultural, dos valores sociais e experiências dos homens e mulheres no tempo. (2012:192)

Também para Toledo (2010) “é possível afirmar que a história local se redefine no contexto das mudanças historiográficas, as quais trazem para a cena novas temporalidades, o interesse pelo cotidiano e por outros sujeitos históricos (...)”. (Idem:750)

Portanto, é neste contexto das inovações historiográficas que podemos abordar a história observando variados sujeitos históricos e as variadas temporalidades. Destacamos também que o estabelecimento de um diálogo entre as diferentes representações históricas locais possibilita a construção da percepção das mudanças e permanências no tempo histórico da própria cidade.

No estado do Paraná o ensino de história local é mencionado como conteúdo importante nas Diretrizes curriculares de Ensino, no entanto é explorado, na maioria das vezes, de maneira pouco significativa, muitas vezes estanque sem qualquer relação com a história nacional e geral.

Desta maneira, iremos estudar a literatura memorialística da cidade de Londrina/PR a partir do romance “Terra Vermelha”, de Domingos Pellegrini, natural da região de Londrina, e cuja vivência na cidade possibilitou escrever um romance com muitas referências tanto da história local como regional e nacional.

Consideramos este romance como bastante significativo, pois explora a questão da cidade londrinense dentro de um contexto de transformação e modernização.

Chegava gente de trem, chegava gente de ônibus, a Companhia abria novas cidades e glebas, Londrina abria novas ruas e a raia agora já era longe do centro... Via os olhos-d'água secando nas derrubadas, e os passarinhos sumindo antes mesmo da queimada; mas ainda tinha tanta mata que parecia nunca ia acabar. (PELLEGRINI, 2003:228)

O romance é “Terra Vermelha” e foi publicado em 1998. O livro aborda o tema da colonização da cidade de Londrina e mostra a trajetória de um casal de pioneiros que chega à região buscando novas oportunidades de vida na chamada “terra vermelha”.

A saga de José Pellerini e de Sebastiana, provenientes das plantações de cana-de-açúcar do interior paulista, em direção à terra das promessas, repassa o drama de milhares de imigrantes oriundos dos vários cantos do Brasil e do mundo no rastro do ouro verde. (NASCIMENTO, 2011:141)

Esse local, no norte paranaense, se apresenta ao casal como um povoado promissor, com uma terra de excelente qualidade e uma população ainda bem pequena. Essa oportunidade de mudança surge após o casal ter fracassado em outras tentativas de negócios em outras localidades. Decidem então se mudar para a região londrinense, ainda desconhecida por muitos, mas que era idealizada como promissora. De início, a vida era bastante difícil e só com a ajuda dos amigos eles conseguiram construir um local para viver e ao mesmo tempo ganhar uma renda: uma pensão. Assim, aos poucos, a pensão foi ganhando mais quartos e mais espaço e, no final, constitui o Hotel Pioneiro, de muito sucesso e muita tradição na cidade. O casal tem, durante a vida, quatro filhos, catorze netos e alguns bisnetos.

Ainda em fase de crescimento e mudanças profundas, a cidade se apresenta aos moradores como um ambiente de convivência coletiva onde se encontram elementos diversos como a luta pela sobrevivência, construção de amizades, relações familiares conflituosas, busca pela estabilização financeira, entre outros.

Em uma primeira leitura da obra, identifiquei três níveis de discurso que se entrelaçam e, muitas vezes, não se apresentam claramente distinguíveis ao leitor. Em primeiro lugar, temos o passado no qual são narrados os caminhos feitos pelo casal de pioneiros, em segundo lugar há um desdobramento dessa narrativa para o tempo presente sobre os herdeiros do casal principal e, por fim, tem-se o cenário dos diversos acontecimentos históricos que acompanham a saga da família.

Nesse contexto histórico dito não-ficcional, que chamo de terceiro discurso, pode-se perceber acontecimentos históricos marcantes como a ditadura de Vargas, a ascensão da ideologia marxista, mas também eventos mais regionais como o conflito de Porecatu, cidade

do interior do estado do Paraná. Dessa forma, o autor estrutura sua obra, intercalando elementos da História com aqueles da ficção e também relacionando elementos do presente com os do passado.

A história de Nono José, personagem que protagonizou a obra Terra Vermelha, ao ser narrada provoca reflexões no leitor sobre a existência humana, a memória dos fatos familiares e as contradições que envolvem a sociedade. A estratégia de Pellegrini foi contar a história num jogo entre o passado e o presente. O autor ficcionalizou a realidade e construiu uma narrativa onde as personagens se identificam com tipos que realmente existiram na colonização de Londrina. (VASCONCELOS; CHICOSKI, 2007:02)

No desenrolar da história dessa família, o livro aborda claramente a questão das mudanças pelas quais a cidade passou com o tempo. Acompanhando a vida do casal protagonista, pode-se perceber que seus hábitos vão mudando conforme a cidade se moderniza. Isso influi muito na vida desses pioneiros e o autor dá a essa problemática um grande destaque ao longo da história.

Chegariam a Londrina depois de uma dúzia de atoleiros, mas ainda a tempo de ver a chegada do primeiro trem; eles ainda enlameados, ele descalço com os pés vermelhos de barro, mas era tanta animação que ninguém olhava para baixo. A estação estava cercada de gente, crianças com bandeirinhas da Inglaterra e do Brasil, e o trem chegou apitando com duas bandeironas cruzadas na frente da locomotiva. (PELLEGRINI, 1998:203)

Portanto, consideramos que a leitura e análise desta obra podem nos ajudar a levantar dados do discurso que envolvam aspectos históricos, sociais, familiares e culturais da história de Londrina e assim evidenciar as potencialidades contidas na análise do texto literário para a compreensão de historicidades diversas e de histórias vividas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCA, Isabel. **Educação Histórica**: pesquisar o terreno, favorecer a mudança. In Aprender história: perspectivas da educação histórica. Org. Maria Schmidt, Barca. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

CORREIA, Janaína. **O uso de fonte literária no ensino de História**: diálogo com o romance “Úrsula” (final do século XIX). *História & Ensino*, Londrina, v. 18, n. 2, p. 179-201, jul./dez. 2012.

GALZERANI, Maria Carolina B., **A tessitura do conhecimento histórico e suas relações com a literatura**. Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 2003.

NASCIMENTO, N.. Uma leitura da terra e do mar em Domingos Pellegrini e Miguel Sanches Neto. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, Vol. 0, N. 33, jan. 2011. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/view/1981/1552>>. Acesso em: 23 Mar. 2013.

PELLEGRINI, Domingos. **Terra-Vermelha**. São Paulo: Moderna, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 27, n. 53, June 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010201882007000100002&lng=en&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882007000100002&lng=en&nrm=isso)> Acesso em: 26 Mar. 2013.

\_\_\_\_\_. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SCHMIDT; CAINELLI. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

TOLEDO, Maria Aparecida L. T. **História local, historiografia e ensino**: sobre as relações entre teoria e metodologia no ensino de história. *Antíteses*, vol. 3, n. 6, jul.-dez. de 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>. Acesso em: 20 Mar. 2013.

VASCONCELOS, Clair; CHICOSKI, Regina. **Marcas da Memória e da Identidade Paranaense**, 2007. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/LinguaPortuguesa/artigo\\_-Pos-\\_Pel.corrigido.doc.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaPortuguesa/artigo_-Pos-_Pel.corrigido.doc.pdf). Acesso em: 23 Mar. 2013.